

A MODERNIDADE EM LEIRIA: IMAGENS DA VIDA PÚBLICA E PRIVADA NA ANTIGA JUDIARIA

O CASO DO CENTRO CÍVICO DE LEIRIA

IOLA FILIPE e MARINA PINTO Era-Arqueologia, S.A.

RESUMO Os trabalhos realizados na área afecta à construção do futuro Centro Cívico de Leiria permitiram identificar contextos arqueológicos diversos que evidenciam a intensa ocupação deste espaço, onde se localizava a antiga judiaria da cidade, desde a Baixa Idade Média/Período Moderno à Época Contemporânea.

Salientam-se três grandes momentos construtivos, associados à construção de edifícios na antiga judiaria, em períodos cronológicos distintos, entre a Baixa Idade Média e a Época Moderna, que antecedem a edificação do imóvel actual, em Época Contemporânea. Apesar de obedecerem a diferentes organizações arquitectónicas, consoante os períodos em que se enquadram, estes mantêm praticamente inalterada a fisionomia do quarteirão, definida desde o período Medieval.

O edifício mais antigo encontra-se na extremidade Sudeste da área intervencionada (Área 1), sendo constituído por quatro compartimentos (Ambientes 7, 8, 9 e 10) que se desenvolvem no sentido da actual Rua Manuel António Rodrigues, de onde se teria acesso ao interior da habitação.

Dos quatro compartimentos registados, foi possível aferir a funcionalidade apenas do Ambiente 9, interpretado como um espaço de cozinha.

Na extremidade oposta, a Noroeste, na zona de implantação da sondagem 6, foram identificadas estruturas (muro e fogão) passíveis de relacionar com outro edifício que poderá ter coexistido com o anterior (Área 1), atendendo que o estudo da componente artefactual remete a construção de ambos para o período de transição entre os finais da Baixa Idade Média e os inícios da Época Moderna.

No decurso do período Moderno, este edifício é votado ao abandono, tendo-se construído no local um forno, cuja memória perdurou até finais do século XIX.

Este forno apresenta câmara de cozedura de planta sub-circular, possuindo um pequeno corredor, com paredes paralelas que se prolongam para poente. Não apresentava grelha, nem vestígios que esta pudesse ter existido.

Ainda no decurso do período Moderno e na extremidade Sudoeste da área intervencionada (Área 1) foram registadas várias estruturas associadas ao que parece ser um edifício de grandes dimensões, com vários compartimentos (Ambientes 1, 2, 3, 4, 5 e 6) para os quais não foi possível, na maior parte dos casos, estabelecer uma funcionalidade.

Não obstante, o Ambiente 1, localizado na extremidade Noroeste desta área, poderá corresponder a um espaço de armazenagem, considerando os fragmentos de talha e os dois potes em contexto primário aí identificados. Este compartimento prolongar-se-ia no sentido da sondagem 4, sendo crível que o muro [810] registado na sondagem 8, fechasse o limite Noroeste deste ambiente.

A Época Contemporânea marca a construção do actual edifício, reconhecendo-se uma reestruturação arquitectónica do espaço, embora sem grande impacte urbanístico, considerando que o traçado medieval, com estreitos arruamentos definindo o quarteirão se mantém.

PALAVRAS-CHAVE Leiria, Judiaria, arqueologia urbana, habitações, forno

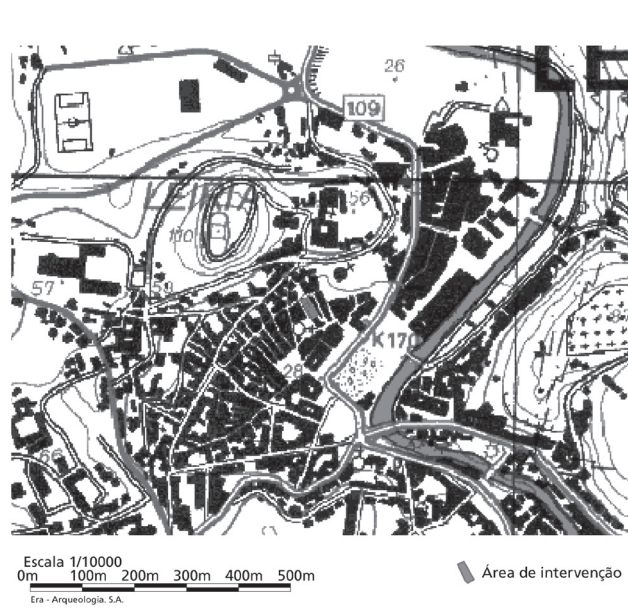
ÂMBITO

Os trabalhos arqueológicos realizados na área a afectar pela construção do futuro Centro Cívico de Leiria e respectiva Praça Pública inserem-se na Zona Especial de Protecção, de servidão administrativa, do Castelo de Leiria e na Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística do Centro Histórico.

Os trabalhos consistiram na execução de sondagens arqueológicas manuais, numa área total de 135 m²,

tendo como objectivos genéricos a avaliação do potencial arqueológico e patrimonial da área em questão. Pretendia-se a caracterização da ocupação deste espaço, sendo para isso fundamental a caracterização de depósitos e estruturas e o registo das relações físicas entre os diferentes contextos identificados.

A área afecta à construção do futuro Centro Cívico e respectiva Praça Pública situa-se numa zona plana, de vale, sobranceira à elevação onde se encontra implantado o Castelo de Leiria e próximo de um dos cursos



1.a, 1.b Localização da área intervencionada (Carta Militar de Portugal, folha 297, escala adaptada).

de água mais importantes da região, o rio Lis. A área localizada na antiga judiaria, ocupa um espaço devoluto, entre a Rua Dr. Manuel António Rodrigues (a nascente), a Travessa da Tipografia (a poente) e a Rua Barão de Viamonte (a Norte), na antiga freguesia de São Martinho (actual freguesia de Leiria), no concelho e distrito de Leiria.

A JUDIARIA

A presença da comunidade judaica em Leiria deverá datar do século XIII, ainda que sejam escassas as informações escritas a esse respeito. Saul Gomes refere que a primeira referência a um judeu data de 1219, no entanto, ressalva que esta indicação não equivale necessariamente à existência de uma comunidade. Por norma, a instalação dos judeus numa nova cidade não se realizava num contexto singular, e apenas após a instalação de algumas famílias se instituía a comuna e se construía a sinagoga (Gomes, 2005, p. 15).

A judiaria cresce numa área inicialmente periférica à urbe fortificada, sendo o eixo principal a designada Rua da Judiaria, também denominada Rua da Lã dos Mercadores ou Rua Nova (Gomes, 2005, p. 21).

Relativamente às infra-estruturas da judiaria, destaca-se a presença dos banhos, nas proximidades da Sinagoga, localização baseada na análise da cartografia, mas também resultante da interpretação de dados arqueológicos, já que intervenções realizadas na Igreja da Misericórdia puseram a descoberto estruturas interpretadas como poços (Gomes, 2005, p. 25). Segundo o autor do Couseiro, não existiam provas escritas ou notícias que atestassem que a actual Igreja da Misericórdia tivesse sido construída no local da Sinagoga, apesar de esta hipótese ser atestada pela tradição (O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria, cit., Cap.º 47, p. 77-78, cit. Gomes, 2005, p. 374). Esta mesma hipótese encontra-se referida na Notícia histórica sobre a judiaria de Leiria, documento de Brás Raposo da Fonseca, Provedor da Comarca de Leiria, datado de 1721, onde refere que “Consta do compromisso da misericórdia do dito princípio que na dita ermida faziam sinagoga” (Notícia histórica sobre a judiaria de Leiria, cit. Gomes, 2005, p. 376).

De acordo com Saul Gomes, as fontes escritas apontam para a existência de tabernas, alcaçarias, lagares, adegas, cavalariças. Existiam ainda tendas dos mercadores de lanifícios, lojas de ferreiros, alfaiates, ourives e em menor número tintureiros, correeiros e latoeiros. Para além de todos os estabelecimentos que atestam a vitalidade comercial e manufactureira da judiaria, importa ainda destacar a presença de escolas e do “concelho da judiaria, que o mesmo autor propõe como

localização provável as imediações da Sinagoga” (Gomes, 2005, p. 25-26).

A BAIXA IDADE MÉDIA E OS INÍCIOS DA ÉPOCA MODERNA

Estrutura habitacional 1

A Sudeste da área intervencionada foi identificado um conjunto de muros de alvenaria, aparentemente relacionados com uma estrutura habitacional, que se desenvolveria paralelamente à actual Rua Manuel António Rodrigues, prolongando-se as paredes interiores da habitação no sentido deste arruamento.

A fachada lateral Sudoeste desta estrutura habitacional é definida por um longo muro de alvenaria, construído com blocos e calhaus de calcário, ligados por uma argamassa de tonalidade amarelada, que conservava apenas 3 a 4 fiadas, não se tendo registado nenhum vão de porta associado, o que sugere que o acesso à casa se faria provavelmente pela fachada lateral Nordeste. Adossadas ao paramento interior deste muro encontraram-se três estruturas, que definiam os quatro compartimentos registados naquele espaço, designados por Ambientes 7; 8; 9 e 10. Relativamente à interpretação funcional destes compartimentos, a informação disponível não é suficiente para esclarecer este aspecto, uma vez que, à excepção do Ambiente 9, não foram registados níveis de ocupação preservados associados a estas estruturas. Não obstante, a lareira identificada no Ambiente 9 sugere que aquele espaço estaria relacionado com uma área de cozinha.

Estrutura habitacional 2

Na extremidade oposta, a Noroeste, na zona de implantação da sondagem 6, foram identificadas estruturas (muro e fogão) passíveis de relacionar com outro edifício (Estrutura habitacional 2) que poderá ter co-



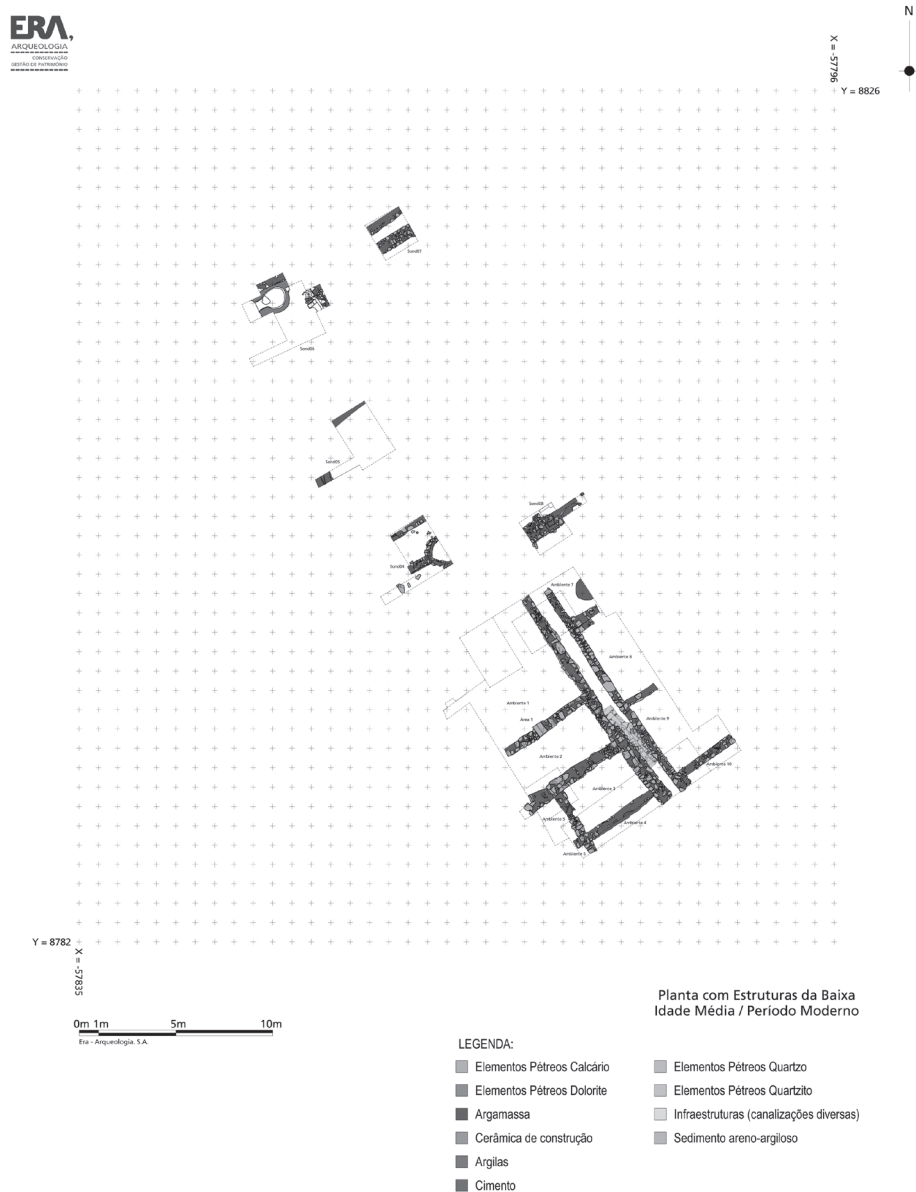
2. Pormenor da lareira identificada no Ambiente 9.

existido com o anterior, atendendo que o estudo da componente artefactual remete a construção de ambos para o período de transição entre os finais da Baixa Idade Média e os inícios da Época Moderna.

O facto das realidades associadas ao novo edifício se circunscreverem à área da sondagem 6 não permitiu esboçar uma planta do edifício em questão, tendo-se intervencionado apenas um espaço interpretado como cozinha. Esta interpretação baseia-se sobretudo na estrutura de fogão registada junto a um muro de alvenaria que definiria o limite Nordeste deste espaço. No muro em questão não foram registados quaisquer vestígios de fogo, embora se notassem alterações na pedra empregue na sua construção. O fogão era constituído por uma grelha construída com blocos de calcário e ladrilhos de cerâmica, colocados em cutelo, e



3. Pormenor do fogão registado na área da sondagem 6.



4. Planta com estruturas da Baixa Idade Média/ Período Moderno, reconhecendo-se a Estrutura habitacional 1 (canto inferior direito), Estrutura habitacional 2 (canto superior esquerdo), Estrutura habitacional 3 (canto inferior esquerdo) e Estrutura habitacional 4 (canto superior esquerdo e direito).

esteve em utilização até aos inícios da época Moderna. Em Época Moderna os espaços habitacionais referidos (Estrutura habitacional 1 e Estrutura habitacional 2) encontrar-se-iam em avançado estado de degradação, embora não se tenham identificado níveis de derrube associados a estas realidades, o que poderá ser explicado pelo eventual reaproveitamento de muitas destas pedras no grande momento construtivo que se segue.

Estrutura habitacional 3

A Estrutura habitacional 3 corresponde a um edifício de grandes dimensões que se desenvolve paralelamente à antiga Estrutura habitacional 1, prolongando-se a fachada lateral Sudoeste para a Travessa da Tipografia. Este edifício era constituído por seis compartimentos, designados por Ambientes 1, 2, 3, 4, 5 e 6, sendo que apenas foi possível determinar a funcionalidade do Ambiente 1, interpretado como um espaço de armazenagem.

O Ambiente 1 tinha cerca de 30 m² na área intervencionada, excedendo estes limites junto aos perfis Noroeste e Sudoeste. Era o compartimento que apresentava maiores dimensões, sendo o piso de circulação associado ao mesmo constituído por uma calçada, da qual restam ténues vestígios junto ao perfil Sudoeste. Este compartimento teria funcionado, a julgar pela presença dos potes in situ, registados junto ao perfil Sudoeste, e pelos fragmentos de talha recolhidos em depósitos associados ao seu abandono, como um armazém. Refira-se que na sondagem 4 registaram-se quatro interfaces negativas, de formas sub-circulares e bases concavas, interpretadas como bases de assentamento para talhas. Estas interfaces negativas situavam-se junto ao perfil Sudeste da sondagem, na direcção do Ambiente 1, no entanto, não é esclarecedor se este ambiente se estendia para o espaço definido pela sondagem 4, uma vez que a área não intervencionada entre as duas zonas é de cerca de 3,5

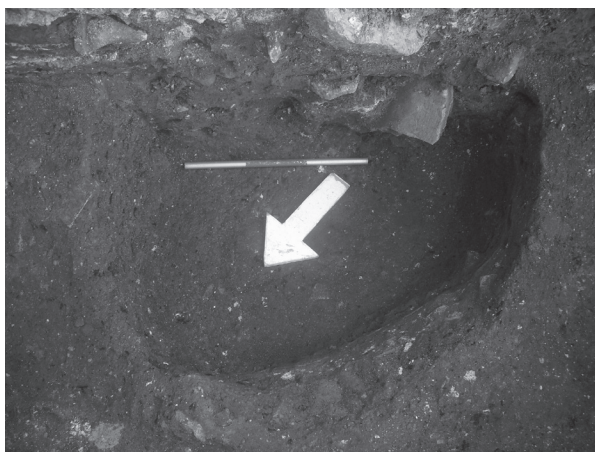


5. Pormenor dos dois potes identificados no Ambiente 1.

m. A diferença de cotas entre os contextos registados quer no Ambiente 1, quer na sondagem 4 e o aparente prolongamento do muro registado na sondagem 8, no sentido da Travessa da Tipografia, fechando, provavelmente, o Ambiente 1, sugere que possa ter existido outro armazém na zona da sondagem 4 (cujos limites não foi possível reconhecer no âmbito do presente trabalho). Refira-se que a zona da judiaria esteve desde sempre ligada a actividades económicas de cariz comercial e manufactureiro e que de acordo com Saul Gomes, as fontes escritas apontam para a existência de tabernas, alcaçarias, lagares, adegas e cavalariças na área da antiga judiaria. Existindo ainda tendas dos mercadores de lanifícios, lojas de ferreiros, alfaiates, ourives e em menor número tintureiros, correeiros e latoeiros (Gomes, 2005, p. 25-26).

O Ambiente 3 tinha cerca de 10 m² e apresentava planta rectangular. Um dos acessos a este compartimento era realizado por um vão de porta existente na parede Nordeste, não se excluindo a hipótese de ter existido um segundo vão de porta no muro que define o limite entre este compartimento e o Ambiente 5, de forma a facultar o acesso às restantes divisões interiores do edifício.

Relativamente aos compartimentos remanescentes



6. Pormenor de uma das eventuais bases de assentamento para talhas.



7. Pormenor da calçada registada no Ambiente 2.

(Ambientes 4, 5 e 6), estes excedem os limites da área de intervenção, junto aos perfis Sudoeste e Sudeste, tendo-se intervencionado escassos m², o que condicionou a sua interpretação. Saliente-se que o Ambiente 4 tem cerca de 2,40 m², o Ambiente 5 tem 3,75 m² e o Ambiente 6, o mais exíguo deles todos, 0,20 m².

O forno

Ainda no decurso do período Moderno, no espaço outrora ocupado pela Estrutura habitacional 2 (sondagem 6) foi identificado um forno, cuja memória perdurou até finais do século XIX, sendo que o actual arreamento, designado Rua Manuel António Rodrigues, viu a sua designação alterada em 1877 (através do Alvará do Governo Civil de 18 de Dezembro) de Travessa do Forno para Travessa da Esperança.

O forno apresentava câmara de cozedura de planta sub-circular com cerca de 1,08m de diâmetro interno e 1,40m de diâmetro externo. Possuía um pequeno corredor, com paredes paralelas que se prolongavam para poente, no sentido da Travessa da Tipografia, tornando-se mais espessas nas extremidades (junto à entrada). O corredor, com cerca de 0,60 m de extensão, apresentava, tal como a câmara, paredes revestidas por argilas cozidas, de tonalidade avermelhada, que impedem a correcta descrição das mesmas (considerando que as argilas não foram removidas). Não obstante, foi possível reconhecer, numa zona em que este revestimento havia caído, alguns calhaus de calcário e um sedimento de tonalidade esverdeada que parecia corresponder ao ligante da estrutura.

Esta estrutura de combustão não apresentava grelha, nem vestígios que esta pudesse ter existido, o que apesar de atípico, encontra algumas analogias em fornos descobertos, como o forno de adobes de Coimbrões (Ribeiro, 2000). Neste forno, as peças eram cozidas em contacto directo com o fogo, tal como acontecia nas soengas, tendo-se observado na câmara interior

vestígios dos negativos das peças cerâmicas aí produzidas (Ribeiro, 2000). É provável que o forno registado nesta sondagem utilizasse um sistema de combustão semelhante ao forno identificado em Coimbrões, no entanto, ao contrário deste, não foi possível determinar o tipo de produção associado a esta estrutura¹.

Estrutura habitacional 4

No período Moderno procedeu-se ainda à construção de um edifício que vem ocupar a área do antigo forno (sondagem 6). Não foi possível aferir a planta deste edifício, sendo plausível que possa estar associado às estruturas registadas na sondagem 5 e sondagem 7, embora a informação disponível não permita esclarecer este aspecto.

O novo edifício registado na sondagem 6 é caracterizado pela edificação de duas estruturas de alvenaria que definem um compartimento, cuja funcionalidade não foi possível aferir, uma vez que os depósitos que lhe estão associados correspondem a aterros resultantes do abandono daquele espaço.

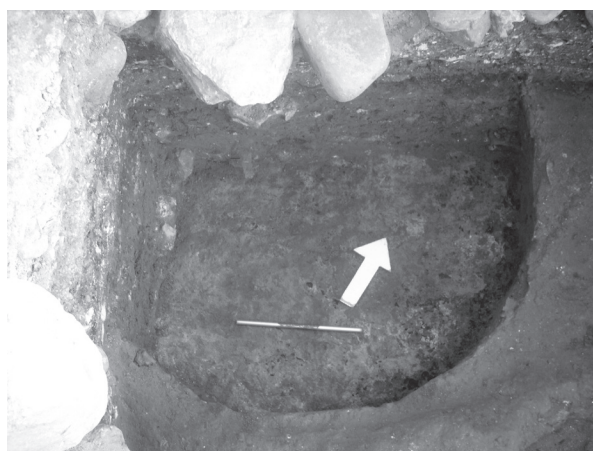
É provável que o muro identificado junto ao perfil Noroeste da sondagem 5 possa estar relacionado com o compartimento registado na sondagem 6, integrando o mesmo edifício (Estrutura habitacional 4). Com efeito, na análise do paramento do muro observado na sondagem 5 foi possível reconhecer uma laje de calcário que se destaca do restante aparelho, podendo corresponder a um elemento arquitectónico reaproveitado ou a uma soleira. A confirmar-se a última hipótese, existiria naquele local um vão de porta que daria acesso a outra divisão da casa (que se prolongaria no sentido da Sondagem 6?).

O muro registado a cerca de 0,34 m do perfil Sudeste

1. A análise arqueométrica dos sedimentos recolhidos no seu interior poderá esclarecer este aspecto, bem como, fornecer novos dados sobre a sua utilização.



8. Vista geral do forno identificado na área da sondagem 6.



9. Pormenor da câmara de cozedura do forno.



10. Pormenor do paramento Sudeste do muro registado na sondagem 5, reconhecendo-se no canto superior esquerdo a eventual soleira.

da sondagem 7, ao qual está associado um nível de calçada, parece igualmente integrar a Estrutura habitacional 4, no entanto, é difícil relacionar o mesmo com outras estruturas existentes na área envolvente. O seu prolongamento para poente, no sentido da Travessa da Tipografia, sugere uma eventual relação com os muros construídos na sondagem 6, que as características arquitectónicas e cronologia que estas estruturas apresentam parecem corroborar.



11. Pormenor de estruturas associadas aos diferentes momentos de construção / remodelação do espaço em Época Contemporânea.

A ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

A Época Contemporânea é marcada pela construção do actual edifício, encontrando-se associadas ao mesmo diferentes momentos de construção / remodelação do espaço, até ao seu abandono, após o incêndio que o destruiu nos anos 80 do século XX, mantendo apenas as fachadas actualmente visíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos procuraram interpretar o espaço como um todo, embora nem sempre tenha sido possível, dadas as condicionantes impostas pela dimensão da área intervencionada (sujeita aos m² estipulados no caderno de encargos), fragmentando por vezes realidades cuja compreensão importava esclarecer, sobretudo no que respeita à organização arquitectónica do espaço. Não obstante, foi possível identificar contextos arqueológicos diversos que evidenciam a intensa ocupação deste local desde a Baixa Idade Média/Período Moderno à Época Contemporânea.

Salientam-se três grandes momentos construtivos, associados à construção de edifícios na antiga judiaria, em períodos cronológicos distintos, entre a Baixa Idade Média e a Época Moderna, que antecedem a edificação do imóvel actual, em Época Contemporânea. Apesar de obedecerem a diferentes organizações arquitectónicas, consoante os períodos em que se enquadram, estes mantêm praticamente inalterada a fisionomia do quarteirão, com os seus estreitos arruamentos, definida desde o período Medieval.

Embora a maioria dos edifícios registados no âmbito deste trabalho aparente ter um carácter habitacional e não tenha sido possível aferir a funcionalidade da maioria dos compartimentos associados a estes edifícios, não se exclui a possibilidade de alguns destes



12. Vista geral da área intervencionada, reconhecendo-se as fachadas do edifício, que se mantiveram após o incêndio que o destruiu.

espaços poderem ter tido um carácter comercial, nomeadamente, o Ambiente 1 (estrutura habitacional 3) que parece corresponder a um antigo espaço de armazenagem e a área da sondagem 4, anexa ao ambiente 1, onde parece ter funcionado um espaço semelhante, durante o período Moderno. De acordo com Saul Gomes, as fontes escritas referem a existência de estabeleci-

mentos que atestam a vitalidade comercial e manufatureira da judiaria durante o período Medieval (Gomes, 2005, p. 25-26), facto que os resultados do presente trabalho parecem corroborar, reforçando o carácter comercial desta área no decurso do período Moderno.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, V. S. (1874) – Leiria, in *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de Todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal* (por A. Pinho Leal), Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e C.^a.
- BARBOSA, P. G., (1991) – Documentos, Lugares e Homens. *Estudos de História Medieval*, Lisboa, Edições Cosmos.
- CABRAL, J. (1975) – *Anais do Município de Leiria*, Leiria, Câmara Municipal de Leiria.
- CARREIRA, A. M. (1989) – *O Urbanismo leiriense do século XVI ao século XVIII*, Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- CASTRO, F.; DORDIO, P. e TEIXEIRA, R. (2003) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante – Porto (século XVI a meados do século XVIII): identificação visual e química dos fabricos. *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu Estudo. Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 223-230).
- Colóquio sobre História de Leiria e sua Região* (1991), Leiria, Câmara Municipal de Leiria.
- II Colóquio sobre História de Leiria e sua Região* (1995), Leiria, Câmara Municipal de Leiria.
- CRISTINO, L. C. (1986) – A Vila de Leiria em 1385, *Jornadas sobre Portugal Medieval – Leiria 1983*, Leiria, Câmara Municipal de Leiria.
- GOMES, S. A. (1990) – A Praça de São Martinho de Leiria do Século XII à Reforma de 146, in *Mundo da Arte. Revista de Arte, Arqueologia e Etnografia*, II.^a Série, Janeiro/Fevereiro/Março, Lisboa, p. 57-78.
- GOMES, S. A. (1995) – *Introdução à História do Castelo de Leiria*, Leiria, ed. C.M.L.
- GOMES, S. A. (1988) – Origens tardo-medievais de uma comarca estremenha: o exemplo de Leiria, *Arqueologia do Estado*, vol. II, Lisboa, ed. História e Crítica.
- GOMES, S. A. (1992) – Organização Paroquial e Jurisdição Eclesiástica no Priorado de Leiria nos séculos XII a XV, *Lusitânia Sacra*, 2.^a série, tomo IV, Lisboa, ed. Universidade Católica.
- GOMES, A. S. (2005) – *A Comuna Judaica de Leiria. Das Origens à Expulsão. Introdução ao seu estudo histórico e documental*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste.
- GONÇALVES, I. (1977) – *Notas de Demografia Regional: a Comarca de Leiria em 1537, Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, IV série, n.º 1, Lisboa.
- HARRIS, E. C (1991) – *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*. Barcelona: Editorial Critica.
- MARGARIDO, A. P. (1988) – *Leiria. História e Morfologia Urbana*, Leiria, ed. C.M.L.
- MARQUES, A. e GONÇALVES, I. (1990) – *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas (século XI-XIV)* Lisboa, INIC.
- MATOS, G. S., (1960) – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Leiria*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes.
- MATOS, A. (1957) – *D. Frei Brás de Barros, D. João III e a construção da Sé de Leiria*, Leiria: Gráfica de Leiria.
- MATTOSO, J., dir. (1993) – *História de Portugal*, vol. II, *A Monarquia Feudal (1096-1480)*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- MATTOSO, J., dir. (1993) – *História de Portugal*, vol. III, *No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- MATTOSO, J. (1987) – A Cidade de Leiria na História Medieval de Portugal, *Fragmentos de uma Composição Medieval*. Lisboa: Ed. Estampa.
- RIBEIRO, M. (2000) – A cozedura de olaria preta em Coimbra segundo os dados da intervenção arqueológica na Rua da Soenga (Vila Nova de Gaia). *Actas das 4.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela, 24 a 27 de Outubro de 2000, p. 367-380.
- SERRÃO, J., dir. (1984) – *Dicionário de História de Portugal*, vol. V, Porto, Livraria Figueirinhas.
- SOTTOMAIOR, C. (1722) – *Catálogo dos Bispos de Leiria. Memórias da Academia Real de História*, Lisboa.
- TORRES, C.; GÓMEZ, S. e FERREIRA, M. B. (2003) – Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 125-134).
- ZÚQUETE, A. (1943) – *Leiria – Subsídios para a História da sua Diocese*, Leiria, Ed. Gráfica.
- ZÚQUETE, A. (1944) – Os Bispos de Leiria e a fisionomia citadina, *Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*, Lisboa, Imprensa Municipalista.